

MUSEU DE ANATOMIA HUMANA DA UNB: AVALIAÇÃO DE UM ESPAÇO DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA EM UMA CIDADE EDUCADORA

Human Anatomy Museum - UnB: evaluation of a space for scientific disclosure in an educative city

Jussara Rocha Ferreira¹

Natácia Evangelista de Lima²

Oswaldo Oliveira Ramos Júnior³

Júlia Esteves Batalini Assunção⁴

Alexandre Assis Carvalho⁵

RESUMO: O Museu de Anatomia Humana da Universidade de Brasília (MAH/UnB) é um dos espaços de Brasília que compõe a rede distrital de educação e divulgação científica - RedeCIÊNCIA. Com o objetivo de revelar ao público como esse museu é visto a partir do próprio museu, aqui, se buscou fazer uma autoanálise sobre a percepção de seus trabalhadores acerca dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças que envolvem o espaço. Para tanto, foram aplicados questionários para a coordenação e os trabalhadores que foram interpretados conforme metodologia SWOT. Foi diagnosticada, como principal, a importância de se trabalhar no fortalecimento de canais de comunicação interna para favorecer o entendimento de todos acerca do funcionamento e do papel do museu perante a sociedade. Os apontamentos detectados serão norteadores para se delimitar estratégias que melhorem o MAH. Contribuiu-se aqui com outros espaços de divulgação e educação científicas, ao oferecer uma metodologia de autoavaliação.

PALAVRAS-CHAVE: Autoavaliação, atores sociais, extensão, turismo científico.

ABSTRACT: The Museum of Human Anatomy, University of Brasília (MAH / UnB) is one of Brasília's locals integrating the district network of education and scientific dissemination - RedeCIÊNCIA. Here we aim to reveal to the audience how this museum is seen by itself, thus we performed a self-analysis about the perception of its workers concerning the strengths and weaknesses, the opportunities and threats that

¹ Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília. jussararochoferreira@gmail.com

² Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília. natevlima@gmail.com

³ Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília. juninho.oli2014@gmail.com

⁴ Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília. julia.batalini@hotmail.com

⁵ Faculdade de Medicina, Universidade de Brasília. alexandreassis.l@gmail.com

characterize the space. Therefore, questionnaires were applied for coordination and workers and the results interpreted according to SWOT methodology. It was diagnosed as a relevant point the need to fortify the internal communication channels to improve the understanding among workers concerning the functioning and the role of the museum regarding society. This diagnosis will guide us to delineate strategies for the improvement of MAH environmental. Here we contribute with other spaces of scientific dissemination and education, by offering a methodology of self-evaluation.

KEYWORDS: Self-evaluation, social actors, extension, scientific tourism.

INTRODUÇÃO

O século XXI entrou para o palco da história podendo ser considerado como o século das cidades (LIMENA, 2001). Enquanto na era da Revolução Industrial e da Revolução Verde a maior parte da população mundial morava no campo, o primeiro quinto de século marcou a vida em um aglomerado de cidades. Scott e Storper (2015) acreditam que um conceito para todas as cidades vem viciado pelo fato de haver enorme variedade de fenômenos empíricos associados a cada uma, mas consideram estarem elas inseridas em sistemas amplos de relações sociais e políticas.

Para Isaac (1978), dois padrões explicaram o comportamento de organização social humana: o compartilhamento de alimento e a divisão de trabalho. A partilha de alimento há 3,6 milhões de anos, quando supostamente surgiu a família nuclear nos hominídeos, e os vestígios dos costumes fúnebres neandertalenses, há cerca de 80 mil anos, quando o medo, a ansiedade e a consciência da morte trouxeram ao homem uma preocupação derivada da autoconsciência, são exemplos disso (ECCLES, 1989). De lá para cá muita coisa mudou e cidades não param de surgir.

Brasília, capital brasileira, criada em 1956-60, é uma cidade recente e marco do planejamento urbano, com espírito inovador, criativo e atrativo. Após a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) criar a Convenção de Patrimônio Mundial (UNESCO, 1972), Brasília passou a integrar o rol de patrimônios culturais da humanidade (UNESCO, 2018; IPHAN, 2008).

Marco da arquitetura e urbanismo modernos, Brasília é detentora da maior área tombada do mundo – 112,25 km² – e foi inscrita pela UNESCO na lista de bens do Patrimônio Mundial em 7 de dezembro de 1987, sendo o único bem contemporâneo a merecer essa distinção. O Patrimônio cultural de Brasília é composto por monumentos, edifícios ou sítios que tenham valor histórico, estético, arqueológico, científico, etnológico ou antropológico, e a compreensão da sua preservação reafirma a necessidade de se executar políticas públicas capazes de assegurar a proteção desse patrimônio (BRASIL, 2018).

No “I Congresso Internacional de Cidades Educadoras”, realizado em Barcelona, em 1990, foi cunhado o termo “cidade educadora”, ou seja, “uma cidade com personalidade própria, integrada no país onde se situa. Sua identidade, portanto é deste modo interdependente da do território a que faz parte”. Ela mantém relações com outras ci-

dades e tem por objetivo “aprender, trocar experiências e enriquecer a vida dos seus habitantes” (Carta das Cidades Educadoras, 1994; AIETA; ZUIN, 2012). Brasília faz parte do conjunto de cidades educadoras do mundo. E, recentemente, passou a fazer parte de outra lista, a de cidades criativas, modalidade “design” (UNESCO 2017a; UNESCO, 2017b).

Em 2015, o governo do Distrito Federal (GDF) conclamou um conjunto de atores sociais que foram mapeados como uma “rede de ambientes de educação e divulgação científica” (UnB, 2015). A chamada RedeCIÊNCIA ficou instituída por meio do Decreto Distrital n. 37.486, de 15 de julho de 2016. Na promoção de ações futuras caberia a cada ambiente (re)pensar projetos que favoreçam o crescimento e a diversificação da oferta turística científica de Brasília e que motivem o deslocamento dos visitantes para vivenciarem experiências, aprendendo e adquirindo saberes e valores de forma que a cultura venha a fazer parte da evolução de cada cidadão, conseqüentemente da própria cidade.

Como atores sociais, os ambientes de educação científica devem buscar a promoção de parcerias e ações a participação em projetos comuns e trocas de experiências e organizações (GOHN, 2006; 2014), o aprofundamento local da discussão do conceito de cidades educadoras (PAETZOLD, 2006, MARQUES; MOREIRA, 2009; AIETA; ZUIN, 2012) contribuindo na promoção de ações promotoras de ações concretas para viabilizar o acesso da população aos ambientes de divulgação científica, esporte, lazer, cultura, ou seja, práticas de cidadania democrática (CHAWLA; CUSHING, 2007). Tais práticas despertam no cidadão o interesse pela coisa pública como sua, compreendendo e valorizando seus programas, bens e serviços.

O cenário deste estudo, o Museu de Anatomia Humana (MAH), da Faculdade de Medicina (FM) da Universidade de Brasília (UnB), é parte da RedeCIÊNCIA (GDF, 2016). O MAH/FM combina o notável papel de divulgar a ciência (extensão), dedicar-se a pesquisa e ensinar, no sentido mais amplo. Possui um espaço de exposição permanente (museu físico) que atende por meio de visitaçãõ agendada e visitaçãõ livre, e um espaço de exposiçãõ virtual (disponível em: <http://www.mva.fm.unb.br>), disponibilizado à comunidade desde 2013 e acessado mais de 1,4 milhão de vezes. Sua coleçãõ tem uma história de mais de 50 anos e foi, ao longo do tempo, configurando-se como uma coleçãõ museal (de cerca de 1.100 objetos biológicos) que participou ativamente na construçãõ da cultura na Região Centro-Oeste, no que diz respeito aos saberes sobre o corpo humano.

Costel (2015) pontua que o aperfeiçoamento e a especializaçãõ dos recursos humanos devam ser apoiados para que esses atores socioeducativos envolvidos em quaisquer atividades assumam as ações educativas com responsabilidade, focando em conexões interdisciplinares e em transferênciã do conhecimento nos cenários que exijam atuações entre diferentes níveis de realidade.

Neste trabalho, buscamos fazer uma autoanálise do MAH/FM sobre a percepçãõ de seus trabalhadores acerca dos pontos fortes e fracos, oportunidades e ameaças que envolvem o espaço, objetivando revelar ao público como o museu é visto a partir do

próprio museu e oferecer uma metodologia de autoavaliação para outros espaços de divulgação e educação científicas, bem como para quaisquer outros interessados.

METODOLOGIA

Buscou-se, em duas etapas, ter ciência da realidade atual MAH/FM, da UnB, com relação ao seu funcionamento e à sua dinâmica enquanto espaço que divulga informações científicas. Pensou-se ser provável a existência de demandas mais urgentes para propiciar à população um efetivo acesso e incorporação das informações científicas e culturais. Sendo assim, quais seriam elas? Do que se disporia para melhorar a difusão do conhecimento, merecendo apenas ações pontuais para auxiliar na plena integração com atores de divulgação científica no Distrito Federal?

Aplicação de questionário

Para a primeira etapa, foram aplicados questionários semiestruturados para o coordenador e para trabalhadores voluntários do MAH, objetivando colher a impressão sobre o que consideram ser importante no local, como veem o fato de o espaço integrar a RedeCIÊNCIA, e como percebem o ambiente interno e o ambiente externo relacionado ao MAH. Os participantes do estudo assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, informando-lhes que a sua participação era voluntária e o anonimato garantido.

Para o coordenador, foram aplicadas 17 questões de abertura para descrever, do ponto de vista do gestor, o funcionamento do museu como um todo e de toda a estrutura de que dispõe para realização de suas atividades. Sobre ambiente interno, foram dez questões para se julgar sobre atendimento (não atende, atende razoavelmente e atende totalmente) e importância (nenhuma, pouca/média, muita) e outras cinco discursivas sobre capacitação, normativas e observação sobre pontos fortes e fracos. Sobre ambiente externo, foram oito questões para se julgar a importância (pouca, média, muita) e o momento (desfavorável, neutro, favorável) e outras duas questões discursivas para se discorrer sobre impactos positivos e negativos.

Para os demais trabalhadores, foram aplicadas quatro questões discursivas gerais versando sobre o espaço enquanto divulgador de ciência e sua proposta metodológica. Para ambiente interno e externo, foram aplicadas as mesmas questões do coordenador, com os mesmos critérios e parâmetros, deixando, em todos os casos, disponibilidade para se discorrer sobre eventuais omissões ou pontos considerados importantes destacar.

Esperou-se que as experiências de quem coordena e de quem trabalha diretamente no atendimento ao público mostrassem onde estão as semelhanças e diferenças quanto ao que julgam mais ou menos importante, prioritário ou de difícil aplicação.

Análise SWOT

A segunda etapa teve por base a análise estruturada por volta da década de 1960, denominada de SWOT, Strengths (Forças), Weaknesses (Fraquezas), Opportunities (Oportunidades) e Threats (Ameaças) (Figura 1). As forças e fraquezas revelam as (des) vantagens internas e todos os processos circunscritos ao controle do MAH, potencialmente propulsores ou atravancadores da divulgação da ciência. As oportunidades e as ameaças apontam para todos os aspectos fora do controle dos agentes, mas que, embora não sejam manipuláveis, devem ser diagnosticados para se estabelecer o melhor planejamento das ações e a gestão da informação.

As forças aliadas às oportunidades dão abertura para tudo o que pode ser explorado de forma a gerar o alicerce para o pleno desenvolvimento das atividades. As forças e as ameaças indicam as possibilidades de enfrentamento para o sucesso, requerendo inovações, por exemplo. As fraquezas e as oportunidades dão os indicativos acerca dos pontos a serem superados. Já as fraquezas e as ameaças retratam a maior dificuldade, aquilo que talvez precise ser abandonado ou, se possível, urgentemente modificado.

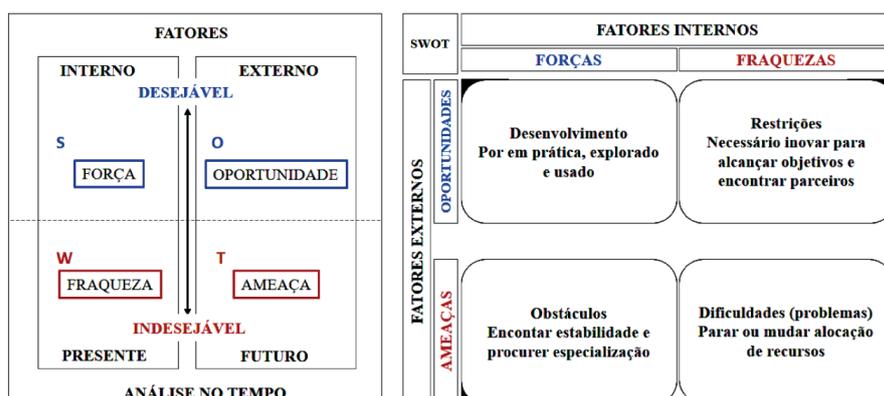


Figura 1. Estrutura da matriz SWOT, mostrando o cruzamento dos ambientes interno e externos e suas representações no tempo.

Com essas informações é possível começar a traçar as metas para combinar forças e oportunidades, trabalhar melhor com as fraquezas e diminuir as ameaças. A Tabela 1 elenca os dez pontos de análise para ambiente interno, tendo uma variação de -10 (fraqueza em grau máximo) a +10 (força em grau máximo). A Tabela 2 elenca os oito pontos de análise para ambiente externo, o que justifica a pontuação variar de -12,5 (ameaça em grau máximo) a +12,5 (oportunidade em grau máximo), tendo em vista normalização dos dados. Os parâmetros para pontuação são trazidos na Tabela 3.

	Questões para julgamento	Atendimento	Importância	Pontuação
1	Utilização de proposta científico-pedagógica			
2	Possibilidade de geração de recursos para espaço			
3	Acessibilidade			
4	Condições de trabalho	Não atende	Insignificante	
5	Harmonia no ambiente de trabalho	Atende	Importante	Varição para cada questão:
6	Continuidade dos projetos na mudança de gestão	razoavelmente	Muito importante	-10 a +10
7	Qualidade do atendimento ao público	Atende totalmente		
8	Infraestrutura			
9	Qualidade da manutenção do espaço			
10	Desenvolvimento de pesquisas			

Tabela 1. Questões referentes ao ambiente interno e os aspectos avaliados pelo coordenador e trabalhadores do Museu de Anatomia Humana, da Universidade de Brasília, julgados segundo grau de atendimento e importância.

	Questões para julgamento	Momento	Importância	Pontuação
1	Políticas Públicas para incentivo, investimento, patrocínio			
2	Parceria entre os ambientes da RedeCIÊNCIA			
3	Burocracia	Desfavorável,	Nenhuma,	Varição para cada questão:
4	Influência das alternativas de outros espaços	neutro ou favorável	média, muita	-12,5 a +12,5
5	Desenvolvimento de novas tecnologias/metodologias			
7	Localização geográfica			
8	Acesso ao espaço			

Tabela 2. Questões referentes ao ambiente externo e os aspectos avaliados pelo coordenador e trabalhadores do Museu de Anatomia Humana, da Universidade de Brasília, julgados segundo momento e importância.

	Crítérios	Pontuação	Resultado
Ambiente interno	Não atende-Insignificante	0	Neutro
	Não atende-Importante	-8	Fraqueza
	Não atende-Muito importante	-10	Fraqueza
	Atende razoavelmente-Insignificante	-5	Fraqueza
	Atende razoavelmente-Importante	2	Força
	Atende razoavelmente-Muito importante	5	Força
	Atende totalmente-Insignificante	-10	Fraqueza
	Atende totalmente-Importante	8	Força
	Atende totalmente-Muito importante	10	Força
	Ambiente externo	Insignificante-Desfavorável	0
Insignificante-Neutro		0	Neutro
Insignificante-Favorável		0	Neutro
Importante-Desfavorável		-10	Ameaça
Importante-Neutro		-2,5	Ameaça
Importante-Favorável		10	Oportunidade
Muito Importante-Desfavorável		-12,5	Ameaça
Muito Importante-Neutro		-5	Ameaça
Muito Importante-Favorável		12,5	Oportunidade

Tabela 3. Parâmetros considerados para quantificação e qualificação dos resultados referentes aos julgamentos das questões sobre ambientes interno e externo, nos questionários dos coordenadores e dos trabalhadores do Museu de Anatomia Humana, da Universidade de Brasília.

Considerando os dados das Tabelas 1, 2, e 3, tem-se que tanto o ambiente interno quanto o externo podem variar de -100 a +100 em pontuação, resultando na possibilidade de apresentação gráfica no estilo radar, na qual se pode perceber o quão distante se está de atingir o máximo possível, conforme a percepção de cada respondedor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Coordenação

Referente às questões de abertura, a coordenação informou que o MAH faz parte da Faculdade de Medicina, da UnB. Trata-se de um espaço de educação não-formal, com foco em temáticas sobre o corpo humano. Possui um laboratório de conservação, preparação e restauro de acervo, além de uma reserva técnica. Conta com acervos documentais, iconográficos, científicos, naturalísticos. Possui, também, plano museológico, estatuto, regimento específico. Todas as coleções são tratadas e gerenciadas e o acervo museal está todo catalogado. Não houve comentário sobre as normas vigentes disciplinadoras do espaço, acervo, massa documental.

Como proposta metodológica: tem vários tipos de ações de extensão como apoio ao público visitante por meio da mediação por extensionistas. São 45 trabalhadores relacionados ao MAH, sendo 40 voluntários, quantidade julgada suficiente. A equipe contratada é composta por arquivista, técnico, pesquisadores, sendo esse quantitativo julgado insuficiente para o trabalho interno. Não foi mencionada a quantidade adequada.

O MAH desenvolve ações permanentes, temporárias, interativas, contemplativas, cursos, palestras, tem setor de vídeos e conta com biblioteca. Não há nenhuma cobrança para entrar ou para usufruir de qualquer atividade oferecida pelo ambiente e a visitação não oferece risco aos visitantes. A coordenação informou haverem discussões anuais, promovidas pelos coordenadores e equipe do museu, acerca do fato de o espaço ser um ambiente de divulgação científica e avaliou como altamente satisfatório a participação na RedeCIÊNCIA.

Há grande alternância na equipe mediadora, composta por voluntários e alunos de graduação. Por isso, semestralmente há treinamento para tratar com o público, tirar dúvidas sobre o MAH ou técnicas de motivação para prender a atenção dos visitantes. Foi considerada satisfatória a capacitação dos trabalhadores para atender ao público, destacando-se não ser fácil capacitar estudantes semestralmente e conseguir altas performances.

Como autoanálise, a coordenadora do MAH acredita que para ajudar no crescimento da divulgação científica do DF ela deve: capacitar-se mais sobre o assunto e melhorar o ambiente de trabalho, contribuir para capacitar os colegas e auxiliar em outras frentes de trabalho, fora do ambiente do museu. Ela acredita que “a divulgação da ciência deve existir sempre com o objetivo de empoderamento da sociedade sobre temas interdisciplinares”. Por fim, escreveu “que o MAH considera muito importante o empenho do GDF em apoiar os espaços e criar uma rede de fomento específico”.

Trabalhadores

Acerca do fato de serem feitas ou não discussões no MAH tratando a respeito de o museu ser um ambiente de divulgação científica, o primeiro respondedor, exten-

sionista voluntário, disse não terem havido discussões sobre o MAH como sendo um ambiente de divulgação científica. O segundo respondedor disse ocorrerem semanalmente. O terceiro afirmou se darem sempre que possível. Embora não tenha havido nenhuma concordância quanto à periodicidade, dois de três concordam haver discussão. Isso revela, no entanto, ineficácia na divulgação ou na maneira como são conduzidas as discussões, pois se a mensagem tem sido passada, não tem sido clara para quem a recebe.

Avaliando o fato de o espaço fazer parte da RedeCIÊNCIA, o primeiro respondedor julgou ser satisfatório e escreveu: “por transmitir aos frequentadores uma maior visão sobre nosso corpo, muitas vezes desconhecido, dessa forma levando informação”. Tal afirmação não responde à questão, tendo em vista que fazer parte da RedeCIÊNCIA, por si só, não implica poder transmitir maior visão sobre nosso corpo aos frequentadores. Esse deve ser um trabalho, antes de qualquer coisa, interno, até porque “maior visão sobre nosso corpo” não é algo aplicável diretamente ao contexto dos demais espaços. O segundo foi indiferente por desconhecer o assunto. As duas respostas servem como mais um elemento para se pensar na necessidade de fortalecimento da discussão sobre o espaço enquanto divulgador de ciência. O terceiro apontou a participação como altamente satisfatório, pela relevante “atuação e divulgação do conhecimento científico a pessoas da comunidade, alunos de graduação e professores diversos”.

Sobre o objetivo do MAH para com o público, o primeiro respondedor afirmou ser “transmitir conhecimentos e saberes sobre o corpo humano, a fim de despertar interesse e curiosidade”. Para o segundo respondedor seria “acrescentar à educação do público informações a respeito da área da saúde”. E para o terceiro, “promover educação, conhecimento e autorreflexão sobre as diversas temáticas da vida”.

As diferenças de sentido na visão de cada um podem revelar que o objetivo do museu não é algo aprendido e/ou reforçado entre todos os que trabalham ativamente no local. Em outras palavras: não está institucionalizado. Se fizesse parte da formação de cada trabalhador, mesmo com palavras diferentes a resposta seria a mesma.

A percepção distinta pode interferir na forma de atendimento ao público e no grau de especificidade com que se abordará as exposições. Inclusive pode gerar descompasso na transmissão do conteúdo proposto. Por haver pessoas de diversos cursos e de períodos letivos diferentes trabalhando no museu, é natural não haver homogeneidade no atendimento. Além do mais, fatores como motivação, interesse pessoal, remuneração ou promessa de certificação podem alterar o desempenho de cada um. Esses fatores isolados ou combinados não podem, porém, ser motivo para discrepâncias no atendimento para com o público. O MAH é uma fonte de aprendizado para os estudantes, mas é também – e não menos importante – uma fonte de aprendizado para a população em geral.

Quanto à proposta metodológica do ambiente, o primeiro considerou ser “levar conhecimento anatômico do corpo humano a alunos de escolas públicas e privadas do DF”; o segundo, “exposição de peças do corpo humano e explicação oral com a finalidade de instruir o público”; e o terceiro, “exposição, textos e visitas técnicas”, acres-

centando que isso é feito com “grande satisfação aos seus visitantes”. As respostas dos extensionistas concordam com o levantado pela coordenadora. Mesmo não havendo clareza sobre quais seriam os objetivos do MAH, os extensionistas sabem que a proposta metodológica envolve sua participação na mediação com o público.

Questões em análise SWOT: informações gerais comparativas

A distribuição gráfica dos resultados da matriz SWOT, tendo em vista os questionários da coordenação e dos trabalhadores, pode ser visualizada na Figura 2.

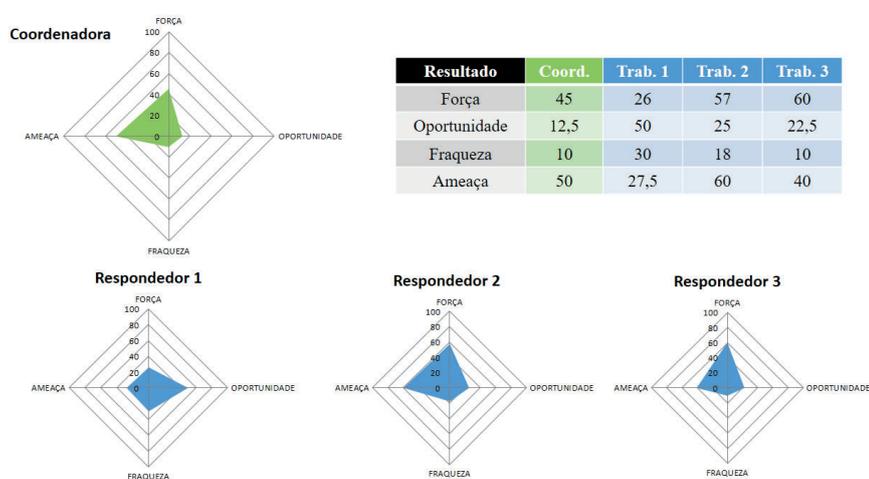


Figura 2. Resultado gráfico da matriz SWOT aplicada ao questionário da coordenadora do Museu de Anatomia Humana, da Universidade de Brasília, e dos trabalhadores voluntários (respondedores 1, 2 e 3), evidenciando a percepção de cada um acerca dos ambientes interno e externo do local. Os resultados numéricos mostram o grau atribuído por cada um para os quesitos força, fraqueza, oportunidade e ameaça relacionados ao museu.

Para melhor compreendê-la, a análise dos aspectos internos e externos será feita a seguir, juntamente com os dados das Tabelas 4 e 5.

Ambiente interno

No tocante às questões apresentadas na Tabela 1, seguindo os parâmetros da Tabela 3, os interrogados responderam como se segue (Tabela 4).

Questões para julgamento	Coord.		Trab. 1		Trab. 2		Trab. 3	
	P	R	P	R	P	R	P	R
1 Utilização de proposta científico-pedagógica	5	F+	5	F+	5	F+	8	F+
2 Possibilidade de geração de recursos para espaço	-10	F-	-10	F-	-8	F-	5	F+
3 Acessibilidade	5	F+	5	F+	10	F+	5	F+
4 Condições de trabalho	5	F+	5	F+	10	F+	10	F+
5 Harmonia no ambiente de trabalho	5	F+	2	F+	5	F+	5	F+
6 Continuidade dos projetos na mudança de gestão	5	F+	-10	F-	5	F+	-10	F-
7 Qualidade do atendimento ao público	5	F+	-10	F-	10	F+	10	F+
8 Infraestrutura	5	F+	2	F+	-10	F-	2	F+
9 Qualidade da manutenção do espaço	5	F+	2	F+	10	F+	5	F+
10 Desenvolvimento de pesquisas	5	F+	5	F+	2	F+	10	F+

Tabela 4. Análise das questões referentes ao ambiente interno feita pelo coordenador e por trabalhadores do Museu de Anatomia Humana.

De forma geral, conforme o perfil de respostas da coordenadora (Tabela 4), exceto a possibilidade de geração de recursos (para o que foi atribuída fraqueza em grau máximo, -10), o MAH prepondera em forças, mas nenhum quesito atingiu a excelência. Esse resultado mostra que há muito a se melhorar, pois de 100 possíveis pontos, o MAH atingiu uma força de 45 (Figura 2 e Tabela 4). Não diferente disso, fazendo-se a média apenas entre os resultados dos questionários dos trabalhadores, o MAH foi descrito como tendo uma força de 47.

Todos os respondedores veem, por exemplo, o desenvolvimento de pesquisas como uma força do MAH, mas não a qualificaram da mesma forma. Dois, incluindo a coordenadora, pontuaram o quesito com nota 5, ou seja, um valor intermediário para a força: é de muita importância, mas, no caso, seria atendido parcialmente. Um voluntário classificou como pontuação máxima (10), ou seja, viu excelência no atendimento e importância máxima; e o outro classificou com pontuação mínima (2), ou seja, um atendimento razoável e uma importância mediana. Em todos os casos, o quesito foi considerado uma força do MAH.

Por fazer parte da Universidade de Brasília, que tem por um dos principais pilares

o desenvolvimento de pesquisas, o MAH precisa trabalhar para que o quesito em análise seja aprimorado. Políticas internas de incentivo devem ser implementadas para suprir o não atendimento presentemente verificado.

Quatro dos dez quesitos sobre ambiente interno tiveram discrepâncias no julgamento, ou seja, enquanto um julgou como força, outro(s) julgou(aram) como fraqueza, independentemente da atribuição de pontuação. Foram eles: possibilidade de geração de recursos para o espaço, continuidade dos projetos na mudança de gestão, qualidade do atendimento ao público e infraestrutura.

Por entender fazer parte de estrutura da UnB, três entrevistados, incluindo a coordenadora, classificaram como fraqueza. O outro trabalhador classificou como força, todavia é possível que tenha respondido sem ter clara ciência de como se trata o funcionamento da universidade ou tenha pensado em alguma estratégia de capitalização, mas sem saber da incapacidade de implementação pelo museu.

Dois voluntários não conseguiram ver a existência de continuidade de projetos entre uma gestão e outra, revelando mais um aspecto que pode apontar para a necessidade de diálogo interno. É possível que logo após a mudança de gestão haja a continuidade dos projetos anteriores, mas que os extensionistas não a percebam de forma clara por não participarem de todos os projetos do MAH. Outra possível explicação se dá para o fato de que as mudanças na exposição possam ter sido classificadas como não continuidade dos projetos. Vale ressaltar que periodicamente há troca nas exposições, o que não implica dizer que as trocas de exposição feitas logo após a mudança de gestão sejam descontinuidades.

Apenas um trabalhador classificou como fraqueza e em grau máximo (-10) a qualidade de atendimento ao público, afirmando ser algo muito importante, mas que não é atendido. Este respondedor vê a necessidade de treinamento inicial aos extensionistas e padronização dos atendimentos, além de julgar ser abaixo das expectativas a capacidade dos trabalhadores para atender ao público. Contudo, no aspecto de autoavaliação, este mesmo respondedor julgou dever contribuir para a capacitação dos colegas, mas não para sua própria capacitação. E, adicionalmente, disse que o museu tem mais pontos fortes, comentando que “mesmo com a falta de treinamento dos extensionistas, é percebido um retorno satisfatório dos usuários”.

Nesse último caso, embora tenha sido o único a responder de forma diferente dos demais, não se pode desprezar a experiência desse voluntário, pois se afirmou categoricamente não ter recebido nenhum treinamento para tratar com o público, isso pode retratar alguns cenários. Esse voluntário pode ter entrado para a equipe após o treinamento e ter saído antes de haver uma reciclagem ou novo treinamento; pode ter deliberadamente negligenciado o treinamento; pode não ter compreendido o que era de fato o treinamento, fazendo recair, mais uma vez, sobre a necessidade de se melhorar as vias de comunicação interna; pode ter a opinião sincera de que o treinamento dado é ineficaz, a ponto de não classifica-lo propriamente como um treinamento; ou, ao responder, pode ter revelado suas frustrações pessoais com algum evento ou pessoa(s) durante seu período de trabalho no local.

Focando-se agora nos dois outros respondedores que deram nota máxima para a qualidade do atendimento. Ambos disseram que a capacitação dos trabalhadores está acima da média, enquanto julgou a coordenadora ser apenas satisfatória, em virtude da troca constante de estudantes. Esses voluntários não fizeram comentários adicionais que sirvam para embasar melhor suas respostas, apenas foi dito por um deles que “se os alunos e bolsistas tivessem mais prática no ambiente, como workshops, palestras... a produção do MAH aumentaria consideravelmente”.

Esses dois mediadores podem ter julgado a qualidade das mediações como elevada fazendo uma alusão ao trabalho desenvolvido por eles próprios. Ou, caso estejam no MAH há mais tempo, isso pode fazer com que cada voluntário se sinta mais capacitado a desempenhar suas funções, sendo mais experientes. Além disso, o grau de resiliência individual também pode favorecer ao se fazer esse julgamento, pois a pessoa passa a considerar os defeitos e dificuldades (próprias e alheias) com mais complacência e menos severidade. Outro fator que pode explicar essa atribuição de nota, são os vínculos de amizade entre os trabalhadores, sendo assim, criticar o atendimento seria também uma crítica aos amigos e colegas.

Ao se atribuir fraqueza em grau máximo (-10) para infraestrutura, ou seja, o não atendimento de algo muito importante seria o equivalente a dizer que não há condição de se trabalhar no local do MAH. As outras respostas mostram que o espaço poderia dispor de uma melhor infraestrutura (estacionamento, sinalização, banheiros, bebedouros, lanchonete, espaços de convivência e outros), mas não significam a pior estrutura. O MAH faz parte da UnB e dispõe de estacionamento, de banheiros, lanchonetes, locais para beber água e espaços de convivência. A qualidade dessa infraestrutura pode não ser julgada como pertinente para atender às exigências, no entanto ela existe. O museu conta atualmente com uma área de aproximadamente 250m² e fica completamente cheio nos dias de visitação (Figura 3).



Figura 3. Visitação de escola pública do Distrito Federal ao MAH/UnB em 09/06/2017.

A força do MAH, segundo a atribuição de notas estabelecida na Tabela 3 e os resultados constantes na Figura 2, foi em média, 47 pontos; e a fraqueza, 17. De forma geral, esses resultados mostram pontos que precisam de aprimoramento, sendo um dos principais – e já discutidos – o estabelecimento de canais de comunicação efetivos de forma que a coordenação e os trabalhadores consigam se fazer entender, principalmente, quanto aos objetivos do museu e as capacitações para o tratamento com o público. A pontuação obtida para o ambiente interno não pode ainda ser considerada satisfatória para um espaço que recebe anualmente milhares de pessoas

Ambiente externo

Referindo-se às questões apresentadas na Tabela 2, seguindo os parâmetros da Tabela 3, os interrogados responderam como se segue (Tabela 5).

Questões para julgamento		Coord.		Trab. 1		Trab. 2		Trab. 3	
		P	R	P	R	P	R	P	R
1	Políticas Públicas para incentivo, investimento, patrocínio	-12,5	A	-5	A	-12,5	A	-2,5	A
2	Parceria entre os ambientes da RedeCIÊNCIA	-5	A	-12,5	A	-5	A	12,5	O
3	Burocracia	-5	A	-5	A	-5	A	-2,5	A
4	Influência das alternativas de outros espaços	12,5	O	12,5	O	-12,5	A	-12,5	A
5	Desenvolvimento de novas tecnologias / metodologias	-12,5	A	12,5	O	-12,5	A	-5	A
6	Localização geográfica	-10	A	-5	A	-12,5	A	-12,5	A
7	Acesso ao espaço	-2,5	A	12,5	O	12,5	O	10	O
8	Políticas Públicas para incentivo, investimento, patrocínio	-2,5	A	12,5	O	12,5	O	-5	A

Tabela 5. Análise das questões referentes ao ambiente externo feita pelo coordenador e por trabalhadores do Museu de Anatomia Humana. **Legenda:** Coord. = coordenador, Trab. = trabalhador, P = pontuação, R = resultado, A = ameaça, O = oportunidade.

Para a coordenadora, do ponto de vista dos fatores externos, o que mais afeta positivamente o MAH é o reconhecimento do público; e o que mais afeta negativamente, o déficit de recursos humanos e financiamento (“pessoal”).

Dois dos três voluntários responderam as questões discursivas sobre o ambiente

externo ao MAH. Um afirmou que o fato de estar situado “dentro de uma universidade pública, com expressiva qualidade” é o que mais afeta o espaço positivamente, o outro elencou o desempenho da equipe (um fator interno); e o que mais afeta negativamente o museu para o primeiro foi a “falta de organização dentro do espaço, tanto administrativo, como no atendimento” (também fator interno) e o outro a “falta de recursos e capacitação dos colegas” (fatores externo e interno, respectivamente).

Na descrição dos fatores que afetam o MAH todos os que responderam ao questionário elencaram fatores internos como essenciais. Fazer isso não minimiza as os fatores externos, apenas ressalta a necessidade de atenção para os internos. Segundo dados da Figura 2 e Tabela 5, três respondedores, incluindo a coordenadora viram mais ameaças do que oportunidades relacionadas ao ambiente externo do MAH. Apenas um trabalhador voluntário, acreditou haverem mais oportunidades. As ameaças contabilizaram média de 44,375 pontos e as oportunidades, 27,5 (Figura 2 e Tabela 5).

De forma comparativa, os quesitos elaborados para avaliação do ambiente externo apresentaram mais discrepâncias do que os do ambiente interno. Cinco dos oito quesitos tiveram discordâncias quanto ao fato de serem considerados ameaças ou oportunidades: parceria entre os ambientes da RedeCIÊNCIA, influência das alternativas de outros espaços, desenvolvimento de novas tecnologias/metodologias, localização geográfica e acesso ao espaço.

A parceria pode não interferir diretamente no ambiente de forma negativa, mas pode deixar de beneficiá-lo por outras vias. Elas podem ser favoráveis também como mais uma estratégia de divulgação do ambiente, pois os frequentadores do Jardim Zoológico de Brasília, do Arquivo Público do Distrito Federal e do Instituto Histórico Geográfico do Distrito Federal, por exemplo, não são os mesmos frequentadores do MAH. A parceria pode abrir perspectivas para os frequentadores de um espaço se interessarem por outro e passarem a colocá-lo entre seus destinos.

O trabalhador 2, que classificou o quesito como ameaça baixa (-5), foi o mesmo que disse não saber que o museu fazia parte de uma rede distrital de ciência, ou seja, julgou como ameaça algo desconhecido.

Independentemente do julgamento de quaisquer dos respondedores, fato é que o MAH é parte dessa rede distrital desde o momento de sua criação, mas até o presente momento não desenvolveu nenhuma ação conjunta com qualquer outro integrante, a não ser as Semanas Nacionais de Ciência e Tecnologia.

A Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal (FAP-DF) tem aberto editais específicos para os integrantes dessa rede distrital (e em função dela), o que pode ser visto como oportunidade. Mas não se sabe até onde se trata de política de estado ou política de governo? Ao que tudo indica, trata-se de uma política de governo, o que a transformaria em ameaça, haja vista que após eventuais mudanças na gestão esses editais possam deixar de existir. Isso, ainda que possivelmente circunstancial, não descaracteriza a oportunidade. Além do mais, para ser política de estado é importante o início, e este já aconteceu.

A visão de todos os interrogados foi a de que “Políticas Públicas para incentivo,

investimento e patrocínio” são tidas como uma ameaça. A explicação anterior pode ser uma resposta para isso. Outra pode estar calcada no descrédito por parte dos respondedores quanto à efetivação de qualquer ação capaz de promover alguma alteração positiva no espaço. Em meio às crises e às baixas de investimento em ciência e tecnologia, espaços como o museu acabam sofrendo impactos diretos. Além do mais, outra perspectiva para se analisar, é que, por fazer parte da UnB, algum eventual patrocínio ou investimento não chegaria diretamente ao museu, devendo passar antes pela administração da faculdade de medicina que poderia optar, a depender das necessidades, por direcionar a verba para outra atividade. Talvez essas mesmas explicações possam ir ao encontro do fato de todos julgarem o quesito “burocracia” também como uma ameaça.

A pergunta por trás de a “influência das alternativas de outros espaços” seria se a existência de algum espaço (perto ou não, com proposta semelhante ou não) influenciaria no MAH. As respostas compreendem extremos, mas podem revelar a visão de cada um sobre “competição”. O que alguns veem como algo agregador, outros veem como possível risco e interferência. Entre os ambientes da rede distrital não há nenhum com proposta semelhante ao MAH, e dificilmente se esperaria competição entre o MAH e o memorial de povos indígenas, por exemplo. O que pode ter sido levado em conta ao julgar outros espaços como em desfavor do museu é a possibilidade de escolha em intervalo de tempo fixado, ou seja, o visitante tem tempo disponível para frequentar apenas um local e tem dois interesses em mente, naturalmente deverá fazer uma escolha. O ambiente preterido ficaria, assim, sem a contabilidade daquele frequentador (apenas na ocasião).

O MAH recebe anualmente, centenas de escolas do DF e entorno e de outros estados. Para ilustrar, de 05 de maio a 05 de outubro de 2017, foram quase 100 turmas agendadas (Figura 4).

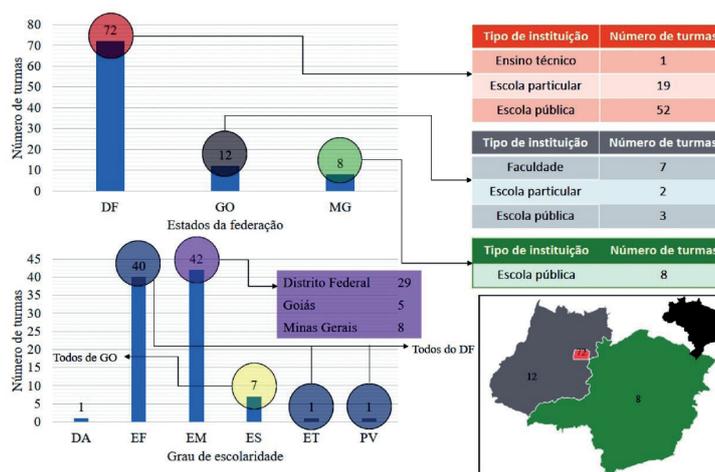


Figura 4. Distribuição geográfica do perfil de visitantes do Museu de Anatomia Humana, da Universidade de Brasília, entre a primeira semana de maio e a primeira semana de outubro de 2017. São levantados o grau de escolaridade e se as instituições são públicas ou privadas. **Legenda:** DA: dados ausentes; EF: ensino fundamental; EM: ensino médio; ES: ensino superior; ET: ensino técnico; PV: pré-vestibular. Observação: esses dados não consideram as visitas não agendadas realizadas por estudantes da própria universidade ou visitantes avulsos.

Conforme figura 4, percebe-se que a preponderância de visitas se dá por instituições do próprio Distrito Federal. Todavia, no período mencionado, vieram vinte turmas de várias instituições de ensino: doze de Goiás (Luziânia, Anápolis e Goiânia), sendo sete turmas de faculdade, três de ensino médio de escola pública e duas de ensino médio de escola particular; e oito de Minas Gerais (todas de Unai), todas de ensino médio de escola pública. Do total, 82 turmas foram de ensino fundamental e médio, dos quais 63 oriundas de instituições públicas.

Os visitantes do MAH, principalmente as escolas agendadas, tem um intuito muito específico ao escolher o museu, por isso, é improvável que haja interferência negativa a existência de outro espaço da rede ou quaisquer outros espaços. Ainda se considerando a possibilidade de uma eventual necessidade de escolha – o que se daria em situação muito pontual e de pouca interferência no quesito em análise –, aquele que tiver optado por um espaço, tem a chance de escolher o outro em próximo dia.

Sobre o desenvolvimento de novas tecnologias/metodologias, as respostas podem se dar por diversos fatores, dentre eles, por exemplo, a falta de recursos para adaptações. Outro fator a se considerar é a existência de museus virtuais cada vez mais tecnológicos, o que pode servir como fator desmotivador para o frequentador sair de casa, sendo possível o tour virtual, em 3D e 360°, de onde estiver pelo seu celular, por exemplo. Isso não é garantia de que a pessoa não terá interesse pela visita física. Por outra perspectiva, a visita virtual atrativa pode motivar a pessoa ao desejo do contato (CARVALHO, 2006). Também, muitas pessoas que talvez não se prontificariam a uma visita física podem se sentir estimulados após visita virtual.

Professores de ensino fundamental e médio continuam a levar, ano após ano, as crianças para visitas ao MAH como parte do processo de aprendizagem em um sistema de contato com o ambiente, com as pessoas que nele atuam e com o que nele está exposto, oportunizando fazer perguntas e interagir com alguns recursos disponíveis. Além de o MAH também ter um espaço virtual com seu acervo digitalizado, conta com exposições de vídeos e outros elementos no ambiente físico, servindo como mais um atrativo.

O fato de o MAH fazer parte da universidade – facilmente acessada por qualquer pessoa – e, por isso, estar constantemente à vista, conseqüentemente, recebendo diversas visitas diariamente e fazendo parte da realidade de todos os alunos dos cursos da área da saúde e de outros, entra como possível justificativa para pontuações máximas na “localização geográfica” e no “acesso ao local”. A coordenadora não descarta a importância de estar na UnB, no entanto, o local onde se encontra não tem sinalização específica. Ao se chegar na UnB não existe indicação para o museu. Para se chegar até ele, o interessado deve procurá-lo no site ou consultar pessoas do local ou ainda saber previamente onde se encontra. Melhorando-se alguns fatores internos, a exemplo da sinalização, um fator externo (favorável) passa a ser potencializado e julgado como oportunidade.

Estando no MAH e atuando nele, todos os respondedores veem o quanto a UnB poderia oferecer para aprimorar suas instalações, para melhorar sua dinâmica, para lhe dar mais visibilidade. Sendo um espaço que conta com milhares de visualizações

por ano e um site com centenas de milhares de acessos, nada mais é de se esperar do que maiores investimentos e atenção para fazer dele um ambiente de excelência e não apenas um espaço que serve ocasionalmente para se fazer propagandas de atividades desenvolvidas pela universidade – como as Semanas Universitárias – ou protestos que retratam a participação de figuras importantes – a exemplo da visita da banda Guns N’ Roses e seu apoio ao protesto contra falta de técnicos para aulas de anatomia (PARANHOS, 2014).

CONCLUSÃO

O crescimento enquanto instituição requer da UnB a atenção a todos os seus espaços e a todos os promotores de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Aos trabalhadores e coordenadores do MAH fica incumbida a tarefa de melhorar o ambiente interno, favorecendo canais de comunicação mais funcionais; ao passo que à instituição passa a ser imprescindível o auxílio na transformação desse espaço que atrai muita atenção e que desempenha papel direto na educação de estudantes de todos os níveis de escolaridade, de instituições públicas e privadas, e com atuação não restrita ao DF.

LIMITAÇÕES E ESTUDOS FUTUROS

Observou-se como uma limitação – embora também como resultado – o fato de apenas algumas pessoas se prontificarem a responder o questionário. Muitos estudantes poderiam ter contribuído com as respostas, mas optaram por não fazê-lo. Isso impede uma visão com maior segurança do local, porém revela também a falta de interesse dos estudantes em participar e se soma a uma das dificuldades tidas no Brasil para se fazer pesquisa. Poucas pessoas veem a aplicação prática dos estudos e pesquisas e acabam negligenciado a importância da participação e da dedicação, principalmente quando a ela é totalmente voluntária.

Para melhor discriminação e percepção dos resultados, aconselha-se a utilização metodológica de uma escala contendo cinco níveis para escolha como, por exemplo, para importância: insignificante, pouco, médio, importante, muito. Neste trabalho, optou-se por três (insignificante, importante, muito), mas entende-se ser isso um fator limitante para melhor avaliar onde pode ser melhorado e, principalmente, o quanto, de fato, algum aspecto está negativo ou positivo. A depender da necessidade, outras escalas podem ser utilizadas: 0 a 10 é outra opção. E, ainda nesse sentido, para acessibilidade o julgamento deve ser apenas sim ou não, pois um nível intermediário seria limitante para uma pessoa com deficiência e o espaço deveria se adequar imediatamente para atender a essa necessidade altamente importante.

REFERÊNCIAS

AIETA, V. S. & ZUIN, A. L. A. Princípios Norteadores da Cidade Educadora. *Revista de Direito da Cidade*, 4(2), 193-232, 2012.

BRASIL. 2018. Brasília, Patrimônio Cultural da Humanidade. Disponível em: (<http://www4.planalto.gov.br/restauracao/brasil-patrimonio-cultural-da-humanidade>). Acesso em: 30/jan/2018.

CARVALHO, R. M. R. As transformações da relação museu e público sob a influência das tecnologias da informação. *Musas*, 2, 127-139, 2006.

Carta Das Cidades Educadoras, 1990. Disponível em: <http://cidadeseducadoras.org.br/wp-content/uploads/2016/06/carta-cidades-educadoras-barcelona.pdf>. Acesso em: 30/jan/2018.

CHAWLA, L. & CUSHING, D. F. Education for strategic environmental behavior. *Environmental Education Research*, 13(4), 437-452, 2007. Doi: 10.1080/13504620701581539
COSTEL, E. M. Didactic Options for the Environmental Education. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 180, 1380-1385, 2015.

ECCLES, J. A evolução do cérebro: a criação do eu. Instituto Piaget: Epigênese e Desenvolvimento. 424 p., 1989.

GDF. Guia de Turismo Científico de Brasília. 25 p., 2016 Disponível em: <http://www.brasilia.df.gov.br/wp-conteudo/uploads/2016/07/GUIA-FINAL-1.pdf> <http://redecienca.com.br/docs/guia.pdf>. Acesso em: 30/jan/2018.

GOHN, M. G. Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 14(50), 27-38, 2006.

GOHN, M. G. Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. *Investigar em Educação*, 1, 35-50, 2014.

ISAAC, G. The Food-sharing behavior of protohuman hominids. *Scientific American*, 4(238), 90-108, 1978.

IPHAN. Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento. A convenção sobre patrimônio mundial cultural e natural, de 1972: para saber o essencial. Brasília, DF: IPHAN, 80 p., 2008.

- LIMENA, M. M. C. Cidades Complexas no Século XXI ciência, técnica e arte. São Paulo em Perspectiva, 15(3), 37-44, 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392001000300006>
- MARQUES, A. M. & MOREIRA, R. Cidades educadoras: transferibilidade de boas práticas para os municípios do eixo atlântico. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Braga: Universidade do Minho, 2009, ISBN- 978-972-8746-71-1.
- PAETZOLD, O. S. Educação e cidadania na perspectiva da cidade educadora: Um estudo a partir de Frederico Westphalen. UNIrevista, 1(2), 1-6, 2006.
- PARANHOS, T. 2014. Guns N'roses apoia alunos de medicina. Correio Braziliense, 2014. Disponível em: http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/eu-estudante/ensino_ensinosuperior/2014/03/25/ensino_ensinosuperior_interna,419345/guns-n-roses-apoia-alunos-de-medicina.shtml. Acesso em: 09/fev/2018.
- SCOTT, A. J., STORPER, M. The Nature of Cities: The Scope and Limits of Urban Theory. International Journal of Urban and Regional Research, 39(1), 1-15, 2015.
- UnB. 2015. UnB e GDF lançam rede distrital de educação e divulgação científica. Disponível em: <https://www.unbciencia.unb.br/humanidades/90-pedagogia/404-unb-e-gdf-lancam-rede-distrital-de-educacao-e-divulgacao-cientifica>.
- UNESCO. Convenção para a proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, 1972. Disponível em: <http://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>.
- UNESCO. 64 cidades se unem à Rede de Cidades Criativas da UNESCO, 2017a. Disponível em: http://www.unesco.org/new/pt/brasil/pt/about-this-office/single-view/news/64_cities_join_the_unesco_creative_cities_network/.
- UNESCO. Creative Cities Network, 2017b. Disponível em: <https://en.unesco.org/creative-cities/>.
- UNESCO. Brasília, 2018. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/list-of-world-heritage-in-brazil/brasil/>.